

**A DEGRADAÇÃO DA ESCOLA E OS ESTEREÓTIPOS DOS PROFESSORES: UMA ANÁLISE LITERÁRIA E CRÍTICA DE *NOTAS SOBRE UM ESCÂNDALO* DE ZOË HELLER**

*Lajosy Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Este artigo pretende discutir a representação da escola e do estereótipo dos professores no contexto educacional inglês a partir da leitura do romance *Notas Sobre um Escândalo* de Zoë Heller. O artigo também busca relacionar a análise entre o sistema educacional britânico e o brasileiro, ao considerar as mudanças na sociedade nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Educação. Sociedade. Estereótipo. Escola. Professor. Literatura.

A representação da educação no contexto contemporâneo é um tema que pode ser entendido como inúmeras tentativas de especialistas na área de Educação, de analisar a importância da escola, enquanto ambiente de aprendizagem, mesmo que essas análises partam do mapeamento do que a escola deveria representar enquanto totalidade: ambiente transformador, espaço social com seus conflitos e contradições e valorização do educador em detrimento do professor. Tais análises podem partir de questões totalizantes e generalizações (a totalidade da escola enquanto macrocosmo), formuladas por pesquisadores que geralmente estão longe do ambiente escolar público ou recortes etnográficos de um determinado ambiente escolar ou aspecto e estado, que buscam sugerir, por exemplo, políticas de ensino e teorias para educação, quando esses pesquisadores pertencem a universidades públicas, com razoável (ou quase mínima) experiência no ensino primário e médio em escolas públicas.

Essas reflexões partem de um *corpus sistematizado*, ou seja, existe um recorte etnográfico, avaliação do ambiente escolar por algum tempo, com pesquisas e coletas de dados

que vão de materiais produzidos por alunos, contatos com professores e questionários, assim como a avaliação de livros didáticos e como professores e alunos correspondem às tentativas desses pesquisadores ao defenderem suas hipóteses de pesquisa. Depois o pesquisador se afasta da sala de aula e analisa esse *corpus* que pode se constituir em uma dissertação ou tese, artigo compilado, apresentado em congressos e eventos, com o intuito de mostrar um olhar distanciado e científico sobre o objeto de análise (a sala de aula, produção de conhecimento), mesmo que não exista um retorno ao espaço (escola) ou proposta de transformação, uma vez que é do conhecimento geral que a escola passa por uma “crise de identidade” social e institucional; seus constituintes (professores, alunos e pedagogos) em processo contínuo de degradação.

Por essa razão, este artigo não pretende partir de uma análise sistemática da sala de aula e da escola, nem da figura do professor ao usar recortes etnográficos, mas sob o viés da literatura que interpreta uma possibilidade de leitura (mesmo ficcional) do que a escola, de fato, poderia ser, com um olhar mais próximo, quando o microcosmo escolar é descrito com uma perspectiva íntima e pessoal, sem as interferências de um pesquisador da área de Educação que geralmente tende a construir um olhar distanciado, já que, como foi dito anteriormente, esse pesquisador encontra-se em uma esfera acadêmica, portanto, distante do ambiente escolar.

O romance escrito pela inglesa Zoë Heller, *Notas Sobre um Escândalo*<sup>2</sup>, descreve o ambiente escolar dos subúrbios de Londres, quando a professora de Educação Artística, Sheba Hart, começa a lecionar para uma rede pública de ensino e se envolve afetivamente com um dos seus alunos. O romance é narrado em primeira pessoa por outra professora, Barbara Covett, que leciona História e está prestes a se aposentar. Bárbara acompanha a trajetória de Sheba, o caso com o aluno, sua desintegração familiar, o julgamento realizado pela mídia e a justiça inglesa.

*Notas Sobre um Escândalo* é narrado em forma de diário citando pequenos acontecimentos que cercam a vida dessas personagens no ambiente escolar, enquanto Bárbara desenvolve uma paixão platônica por Sheba e acompanha seu processo de desintegração, da mesma forma que analisa e descreve a escola e o sistema de ensino britânico. O artigo não pretende fazer uma análise estética e literária nos moldes tradicionais no que diz respeito à forma e estrutura; porém, apresentar uma reflexão sobre o ensino a partir da degradação e da noção de *escola* enquanto instituição, quando nos deparamos com “escândalos” de outra natureza no ambiente escolar.

Embora a narrativa se concentre no ensino público inglês, não nos surpreende a descrição de Bárbara no que diz respeito a uma visão do ensino público, sobretudo o de periferia urbana, no qual as professoras atuam nas áreas de Humanidades, que não parece muito distante do contexto brasileiro. Apesar da aparente distância sócio-cultural e econômica entre Inglaterra e Brasil, Bárbara esboça com suas “notas” e comentários uma espécie de desencanto na maneira como a personagem analisa a escola enquanto ambiente social. É a degradação e uma visão niilista ou ausente de solução na qual a descrição de Bárbara se fundamenta.

Portanto, a literatura enquanto espaço ficcional escapa de uma visão analítica que busca soluções a partir de um olhar distanciado do pesquisador, pois o *corpus* aqui é uma interpretação e recriação do que o ambiente escolar poderia ser, sem a intervenção de um mediador (pesquisador), mas do romancista e das personagens que constroem um painel da escola, indiferentes a uma visão idealizadora ou que não esbocem preocupação em dissecar práticas de ensino e a própria escola enquanto *corpus* de pesquisa como aconteceria com um pesquisador interessado em analisar o papel da escola e as práticas de ensino.

A partir do microcosmo das personagens, é possível enxergar a dificuldade de se conciliar alternativas que mudem o sistema de ensino no contexto inglês; os quais poderiam ser vistas no contexto brasileiro. Essa visão da escola degradada é confrontada através da imagem das duas professoras: Bárbara representa o ensino tradicional, professora autoritária e rígida na maneira como conduz suas aulas; Sheba seria a profissional sem autoridade, incapaz de “controlar” uma sala de aula, mas que deseja integrar os alunos à sua disciplina, Artes plásticas.

No início do romance, Bárbara descreve a Escola *Saint George*, onde leciona há vinte e um anos. A julgar pela sua descrição, trata-se de uma escola pública comum localizada no norte de Londres, isto é, numa região em que predomina a classe proletária, onde Sheba, vinda de uma *upper class* (classe média alta), decide dar aulas para encontrar algum sentido em sua vida. É importante ressaltar que, no contexto inglês, a noção de classes é essencial no que diz respeito à literatura inglesa desde o início no século XVIII, quando a ascensão do romance surge na Inglaterra<sup>3</sup>.

Existem inúmeros romances ingleses que descrevem o ambiente escolar, tendo professores como protagonistas. Às vezes, essa descrição do ambiente escolar e do professor pode ser sob um ângulo favorável como em *Jane Eyre*, de Charlotte Brönte, quando a escritora

narra as dificuldades de uma mulher, cuja única possibilidade de ascensão social se dá como preceptora, uma vez que a mulher instruída oriunda de uma classe social inferior apenas poderia ser professora.

Em *Jane Eyre*, Charlotte Brönte, que além de romancista foi professora e governanta em várias casas, faz uma análise do sistema educacional durante a Era Vitoriana, quando descreve a trajetória da protagonista obrigada a trabalhar em péssimas condições em escolas e orfanatos e da discriminação sofrida enquanto preceptora. Esse romance fez sucesso desde sua primeira edição, pois existia uma classe média ávida por romances que descreviam as peripécias de personagens oriundas de classes mais pobres (Jane é órfã, aparentemente desamparada e sozinha) alçada a uma condição social superior ao se casar com o patrão da mansão onde trabalha como governanta. Em uma passagem emblemática do romance, Jane é ridicularizada pelas amigas do patrão, pois elas fazem comentários maldosos sobre professores e governantas que tentaram ensinar-lhes algo durante a infância.

Por outro lado, nos romances do inglês Charles Dickens, a imagem do professor é vista sob outra perspectiva, enquanto representação de um sistema opressivo e violento, pois o autor descreve o professor como máquina institucional que maltrata e reduz alunos a meros aglomerados em orfanatos ou instituições mantidas por doações governamentais ou pela caridade de aristocratas durante a Era Vitoriana. Tanto Charlotte Brönte quanto Charles Dickens ressaltam o impacto da Revolução Industrial e como ela interioriza a imagem do professor enquanto mero instrumento de assujeitamento do aluno; a escola seria um mal necessário para domesticar e manter uma relação de poder, onde o oprimido (professor ou aluno) deve se assujeitar ao sistema vigente baseado em pressupostos como a Economia e os interesses de uma classe dominante.

Como já foi dito, *Notas Sobre um Escândalo* nos propõe duas vertentes enquanto representação do professor: Bárbara, a professora rígida e ressentida contra um sistema de ensino degradado; Sheba, a professora despreparada e incapaz de conciliar suas aspirações de educadora e de mulher. Segundo a descrição de Bárbara, *Saint George* é uma escola, cuja estrutura arquitetônica não comporta as transformações sociais ocorridas nos últimos anos: a sala dos professores é pequena; o número de alunos aumentou sem que haja espaço para comportá-los. A descrição dos professores também pode nos parecer familiar em alguns aspectos: alguns lecionam na instituição há muitos anos como Bárbara; eles não se preocupam com qualquer mudança que

tenha ocorrido quanto a diretrizes de ensino, mesmo que elas existam ou sejam estabelecidas como metas pelo diretor da escola que apenas se preocupa em demonstrar algum tipo de autoridade e apresentar números, quando algum órgão de inspeção governamental aparece na escola.

O primeiro professor descrito por Bárbara é o de Química, Bill Runner, tido como “cínico” e debochado em relação aos alunos, embora ele julgue ser um professor disciplinador é até mesmo vulgar nas suas atitudes tanto em sala de aula, quanto na sala dos professores, ao se exibir para as demais professoras (Zeller, 2004, p. 13). É interessante observar a galeria de estereótipos dos professores que Bárbara cria ao descrever seus colegas de trabalho: Antonia (a fofqueira), Elaine Clifford (a carente), Sandy Pabblem (o diretor medíocre e hipócrita), Mary Horsely e Diane Nebbins (*ex-hippies* fracassadas), dentre tantos outros.

É certo que devemos desconfiar da descrição de Bárbara Covett, uma vez que a personagem faz uma leitura de *Saint George* como microcosmo, que não pode ser visto como uma totalidade do ensino público inglês, quanto mais universal. Entretanto, não nos surpreende o fato de que a imagem do professor esteja condicionada a estereótipos ou seja vista como um “mal necessário”, fazendo parte da engrenagem de uma instituição chamada *escola* que pretende ser um agente transformador do sujeito (entendido aqui como aluno). Esse microcosmo descreve as relações de poder que existem entre quem ensina ao domesticar os alunos (professores como Bárbara e o diretor Pabblem) e quem pretende ensinar diante do caos (Sheba).

Nesse microcosmo, Bárbara comenta que muitos dos ex-alunos da instituição voltam para lecionar na escola, uma vez que não conseguiram se destacar em outras profissões. Para o diretor Pabblem, é sinal de que a escola produziu “frutos”, embora o cinismo e a descrença de Bárbara sejam corrosivos na imagem degradada que a personagem estabelece do educador. A própria “clientela” da escola seria composta por uma classe operária que inutilmente frequenta as aulas como um espaço social a ser preenchido, mesmo que, ao fim do ensino médio, a maioria dos alunos acabe como pedreiro, encanador e balconista de lojas.

A chegada de Sheba em *Saint George* é vista com alguma expectativa pelos professores efetivos, uma vez que ela difere dos demais por pertencer a uma classe superior ou por lecionar com prazer, sem depender do salário para sobreviver. Ela também causa impressões diversas nos outros colegas por ser mais bonita, elegante e espontânea, enquanto os demais, acostumados com

a rotina diária da sala de aula, parecem apáticos e indiferentes ao ambiente escolar, e a si próprios pela maneira como se vestem e se portam. De acordo com a descrição de Bárbara, *Saint George* tornou-se uma modorra de mediocridade que não permite qualquer tipo de reinvenção do ambiente escolar, quanto mais abrir espaço para transformações como Sheba, que pretende lecionar uma disciplina, Artes Plásticas, tida como a mais inútil e desprezada pelos professores das outras áreas.

Outra distinção importante reside no fato de que o pai de Sheba foi um importante acadêmico de Cambridge, Ronald Taylor, um economista que teria feito um estudo brilhante sobre a inflação e sua relação com o consumo. Numa passagem cômica, Theresa, uma das professoras da escola, acredita que o pai de Sheba criou a palavra *inflação* ao que Bárbara, com sarcasmo, corrige a colega para ridicularizá-la, uma vez que essa palavra existiria desde que a Economia surgiu enquanto campo de estudo, fato que uma professora deveria saber por ter algum tipo de formação intelectual (op. cit., p. 20).

Nessa mesma passagem, Bárbara estabelece uma diferenciação entre as escolas de Londres divididas entre as particulares e públicas, pois filhos de mães como Sheba jamais deixariam seus filhos estudarem em escolas como *Saint George*. Dos duzentos e quarenta alunos da escola, apenas seis alcançaram uma média razoável, menos de cinquenta por cento tiveram sequer uma avaliação razoável segundo o sistema inglês. Bárbara também descreve a violência no ambiente escolar, quando dois professores sofreram ataques de alunos que resultaram em queimaduras graves.

Esses pormenores narrados por Bárbara parecem descrever o quanto os países de primeiro mundo como a Inglaterra padecem dos mesmos problemas que o Brasil no que diz respeito ao ambiente escolar. Não se trata apenas de comparar o ensino dos dois países, porém, de reconhecer as questões que, a meu ver, parecem pertinentes: a degradação do professor e da escola, representações institucionais do Estado.

Na coletânea de ensaios, *Identidade e Discurso*, Maria José Coracini comenta sobre o contexto social da escola como reflexão para o profissional que almeja lecionar qualquer disciplina, uma vez que o professor representa uma unidade do âmbito escolar e deveria entender sua disciplina como parte desse contexto e não um elemento à parte. Em *Notas Sobre um Escândalo*, Bárbara Covett representa o professor, enquanto célula isolada dos demais, ao

observar um ambiente que é totalmente desfavorável a qualquer tipo de transformação, pois a personagem salienta que seus alunos sofrem de um determinismo social, independente da sua atuação como professora de História, ou seja, seu papel como agente transformador é reduzido ao de um burocrata que espera por sua aposentadoria.

Bárbara representa o professor impotente e conservador que enxerga a escola como um enfrentamento diário e as tentativas burocráticas de transformação desse ambiente como uma tolice administrativa. Ela deve escrever relatórios e sugerir alterações, embora essas alterações ou mesmo críticas ao sistema não sejam admitidas pelo diretor da instituição, pois ele estaria preocupado com *resultados*. No romance, fica claro que existe uma rivalidade entre o diretor e Bárbara, uma vez que ela seria uma das mais antigas professoras da escola, enquanto Sandy Pabblem é um diretor bem mais jovem que deve satisfação a outras instâncias como as delegacias de ensino e outras instituições com diferentes nomes na Inglaterra; porém, com o mesmo poder dos órgãos competentes no Brasil.

Bárbara e Sheba gravitam nesse paradoxo entre transformar e manter o sistema como ele está, uma vez que a chegada de Sheba provoca transformações na professora de História. Como já havia acontecido no passado com outra professora, Jennifer, Bárbara desenvolve uma paixão platônica, embora ela não admita sua homossexualidade em qualquer instância do romance, referindo-se aos seus sentimentos como *uma profunda amizade*.

Na tentativa de ajudar Sheba a “controlar” os alunos, Bárbara descreve a outra como uma dessas fantasias de Hollywood, quando jovens professores acreditam que podem “fazer a diferença”. Eles teriam visto todos aqueles filmes americanos sobre professores que conquistam alunos com poesia e música. Em contraponto, Bárbara teria pertencido a uma geração que não tinha como objetivo aumentar a auto-estima de seus alunos ou fazer com que seus sonhos se realizassem (op. cit., p. 28). A personagem acredita que talvez falte idealismo para sua geração de professores e ambições pedagógicas que contribuam para alguma transformação social, embora ela comente que sua geração tenha mostrado, pelo menos, uma linha divisória entre o que a escola representava e o que ela de fato pode fazer para aqueles que não se encaixavam nos padrões de ensino (mais rígidos) da sua época.

Nesse interim, Sheba Hart desenvolve uma afeição por um dos seus alunos, Steven Connolly, quinze anos, que apresenta aptidões em desenho e pintura. Motivada por esse aluno,

cuja aparência já a atraía, Sheba o incentiva a estudar mais e o ajuda a realizar trabalhos extra-classe. É sobre esse “escândalo” que encontra seu reflexo no caso real de uma professora americana condenada à prisão por ter tido um “caso” com um aluno, quando o coletivo parece interferir sobre o individual. O artigo não pretende discutir noções de ética e moral no que diz respeito às duas professoras, a personagem e a *persona real*, mas a degradação da escola e do professor sob a perspectiva de como a literatura a representa.

Em outro romance inglês, *Maurice* de E. M. Forster, o leitor depara-se com a descrição do ambiente de Cambridge como um reduto de professores que não tiveram outra opção a não ser o magistério como forma de integração à sociedade<sup>4</sup>. Os professores de Cambridge, a despeito do prestígio da instituição, são descritos pelo narrador (em terceira pessoa dessa vez) sob os auspícios do reinado de Edward VII, ainda sob forte influência do puritanismo da Rainha Vitória como referencial na política imperialista. O microcosmo estaria permeado pela descrição dos conflitos de classe e de valores puritanos em choque com as transformações sociais dessa velha Inglaterra, sua manutenção e conservadorismo e a insurgência de valores no início do século XX.

Em *Maurice*, o narrador descreve o ambiente escolar vitoriano da personagem de Maurice, ainda criança, num passeio que os alunos, coordenado por três professores<sup>5</sup>: Sr. Abrahams, Sr. Read e Sr. Ducie. A descrição dos professores é emblemática: o Sr. Abraham (o diretor é antiquado), Sr. Read (o professor assistente, “estúpido”) e Sr. Ducie (o professor mais velho, obsoleto, embora sensato e complacente). A apatia é comum dentre os alunos que parecem reconhecer nos professores uma representação institucional, engrenagens de uma sociedade defasada e sustentada por uma tradição de austeridade impraticável diante das transformações da sociedade inglesa.

Terry Eagleton observa que os professores na Inglaterra, em sua maioria, vinham de classes mais baixas, pois a profissão era exercida por pessoas que não tinham condições de optar por outras profissões bem mais vantajosas como as de médico, advogado ou servidor público. A estratificação da sociedade inglesa é rígida nesse ponto, porque cabia a essas pessoas, homens e mulheres (professores ou preceptoras) contentar-se com o magistério como única carreira possível de ascensão social, sendo sempre vistos com desdém e desconfiança pelos que os contratam.



É interessante observar que esse aspecto da imagem do professor que tolhe ou age como um educador que precisa ensinar noções básicas como higiene e “boas maneiras” não mudou desde a Era Vitoriana até nossos dias. Esse diálogo em *Notas Sobre um Escândalo* pode ser observado, quando comparamos o romance ao documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, dirigido por João Jardim sobre a realidade educacional no Brasil.

No romance inglês, com uma boa adaptação para o cinema<sup>6</sup>, essa descrição pode nos parecer distante e fria levando em conta o estereótipo que temos dos ingleses, sobretudo através da canção *Another Brick on the Wall*, do grupo de rock inglês Pink Floyd, na qual um dos versos pede para que “hei, professor, deixem as crianças em paz” (*hey, teacher, leave the kids alone!*), porque todos (professores e alunos), na verdade, seriam apenas mais “um tijolo na parede”, como a tradução do título da música sugere.

Essa canção do Pink Floyd já foi utilizada inúmeras vezes para representar essa imagem caricatural do professor, embora ela represente mais uma metáfora e representação do totalitarismo e da repressão do que propriamente uma sugestão do que seria ensinar e aprender. O autor desse artigo já participou de três palestras e de uma oficina de reciclagem de professores, quando os ministradores (professores e pedagogos) utilizaram *Another Brick on the Wall* como um alerta para essa imagem do professor autoritário e detentor do saber que massifica o aluno, embora os ministrantes não tenham tocado em questões relacionadas às dificuldades enfrentadas por inúmeros professores de escolas públicas e particulares no que diz respeito à própria massificação dos professores obrigados a enfrentar um ambiente hostil e violento. Dessa forma, ser “mais um tijolo na parede” é o reflexo de um contexto educacional carente de uma política pública adequada.

A dicotomia parece sugerir as seguintes questões: como enfrentar a degradação da escola enquanto espaço social e desconstruir essa imagem estereotipada do professor como profissional fracassado? Segundo um dizer norte-americano, *quem não sabe, ensina*, portanto, como questionar essa imagem do professor que não tem outra função a não ser ensinar uma teoria que não é capaz de tornar real na prática?

É certo que as teorias de Paulo Freire sobre uma escola que inclui tenham ajudado a responder a algumas das questões propostas. Contudo, os fatores econômicos dificilmente são levados em conta, quando analisamos o papel da escola e do educador na formação do indivíduo.

Paulo Freire concebeu suas teorias sobre inclusão em um período em que a escola existia sob a égide da exclusão e da repressão militar, com professores como Bárbara Covett que reprovavam alunos e estabeleciam a “linha divisória” entre o que a escola realmente era (espaço conservador e restritivo) e o que poderia ter sido (espaço motivacional e transformador).

No entanto, o que percebemos é a divulgação da *pedagogia do amor*, termo defendido por Gabriel Chalita<sup>7</sup> em seus inúmeros livros, embora não exista nenhuma fundamentação teórica para essa linha de pensamento. Nela defende a idéia de que o professor deve exercer funções que fogem da sua alçada como substituir a imagem paterna ou materna, controlar alunos em sala de aula como se estivesse em uma sala de estar e lidar com a violência que atravessou os muros da escola.

Trata-se, na verdade, de uma conclusão óbvia: a escola reflete a sociedade para qual ela trabalha. Os órgãos governamentais são negligentes em relação ao que poderiam fazer pela escola; os professores procuram cursos de pós-graduação na esperança de que lecionarão em universidades públicas, onde, teoricamente, estariam livres da degradação que o ensino público e o privado representam, pois, mesmo nas escolas particulares, existe a massificação do ensino, pois o aluno e por extensão sua família tornam-se clientes; sendo o professor, um *produto* que pode ser descartado quando não se adapta às regras estabelecidas pela iniciativa privada, uma vez que as escolas particulares tornaram-se empresas que vendem algo chamado “ensino”, reduzido a um produto, as populares *Fábricas de Diploma*.

Dessa forma, é quase indiferente analisar o caso entre uma professora e um aluno, mas entender como esse microcosmo se expande ao descrever a escola como uma extensão das relações da massificação do ensino e a relevância (quase nula) do professor em sala de aula. No documentário brasileiro *Pro Dia Nascer Feliz*, o diretor João Jardim opta por descrever tanto o ponto de vista dos alunos, quanto dos professores e diretores que advêm de várias camadas sociais, escolas públicas e particulares. Existe uma preocupação quase poética, quando o olhar do diretor se volta para a aluna que tenta estudar no nordeste brasileiro a despeito das dificuldades que enfrenta no seu cotidiano. Existe também uma preocupação em se distanciar para que o espectador veja uma totalidade, uma esperança baseado na reflexão de que a escola ainda pode ser um ambiente de transformação social.

*Notas Sobre um Escândalo* é uma tentativa de interpretação do real escândalo que abate professores e alunos quando a palavra *educação* é reduzida a quase nada, a não ser uma triste constatação de que a escola tornou-se apenas um espaço social, onde noções como ética e ensino são distorcidas ou burocratizadas. O real escândalo não se concentra apenas no caso da professora e seu aluno, mas nas relações de poder que são construídas a partir da premissa de que não há o que fazer a não ser observar e deixar que o tempo, no caso, a aposentadoria de Bárbara ocorra para que outros professores surjam e ocupem seus respectivos lugares em uma sala de professores. O mesmo se dá com os alunos, como bem observa Bárbara, que entram e saem da escola sem qualquer qualificação para enfrentar o outro lado do muro, uma metáfora na canção do Pink Floyd ao associar a *Queda do Muro de Berlim* a uma visão retrógada do mundo e do próprio ensino que deveria desabar como o muro.

Pode ser que, com o avanço do ensino a distância, promovido por instituições como a EAD<sup>8</sup>, mensalidades a preços módicos e professores que atuem pela *internet* como “monitores” substitua a relação de poder *professor e aluno*, já que o professor seria uma categoria das relações interpessoais defasada, ou seja, ter aulas com um professor seria como aquele ambiente da Era Vitoriana, a época da palmatória, quadro e giz, substituídos agora pelos avanços tecnológicos. Que “escândalo” poderia advir de uma situação como essa, já que não existe um contato real para que conflitos entre professores e alunos, escola e sociedade existam?

Assim como outros romances que o antecederam, *Notas Sobre um Escândalo* parece nos alertar que a esfera entre o individual e o coletivo está constantemente em choque, mesmo que não exista uma teoria que permita uma definição exata sobre o que seria *educação* sob uma perspectiva literária. A literatura busca uma representação de personagens que habitam esse espaço social chamado *escola*; às vezes, a literatura e o cinema reduzem o professor a estereótipos: o professor castrador (os dos romances de Charles Dickens), o “herói” (como os dos filmes *Ao Mestre com Carinho* e *Sociedade dos Poetas Mortos*) e os apáticos de *Notas Sobre um Escândalo*.

Uma das conclusões a que podemos chegar é a que a imagem de “mestre”, derivada do latim, para o professor que “domina” a disciplina que ministra e que, por conseqüência, também domina o aluno que assiste às suas aulas, desaba gradativamente. É algo para se comemorar? Talvez a questão exija uma reflexão sobre o real papel da escola e a importância da mobilização

da sociedade no que diz respeito às transformações sociais que ocorrem ou poderiam ocorrer se a escola realmente tivesse alguma importância.

Em inglês, o verbo “to master” é ainda utilizado para descrever a habilidade de dominar uma língua. Então, essa noção do conhecimento enquanto domínio de uma habilidade ainda não mudou por mais que os conceitos *escola* e o *professor* tenham se degradado no que concerne ao utilitarismo provocado por uma economia neoliberal que mercantiliza as relações entre o conhecimento e quem o desenvolve em qualquer instância educacional: da pré-escola ao ensino superior.

Na literatura brasileira, *O Ateneu* de Raul Pompéia, escrito no início do século XX, é emblemático na destruição daquela instituição consumida pelo fogo no final do romance. O Ateneu é outra representação da escola enquanto ambiente totalitário, pois é diante das ruínas dessa escola que devemos nos deter para compreender até que ponto ela representa muito mais do que o microcosmo (conflitos interpessoais entre professores e alunos), porém uma reflexão sobre o que entendemos como ensino-aprendizagem, força motriz para uma melhor compreensão da sociedade em que vivemos.

***THE SCHOOL DEGRADATION AND THE TEACHERS’ STEREOTYPES: A LITERARY AND CRITICAL ANALYZES ON NOTES ON A SCANDAL BY ZOË HELLER***

**ABSTRACT**

This article aims to discuss the representation of school and the teacher’s stereotypes in the English educational context based on the reading of the novel *Notes on a Scandal* by Zoë Heller. The essay also tries to connect this analyzes between the British and Brazilian educational system when considering the changes in our society nowadays.

**Keywords:** Education. Society. Stereotype. School. Teacher. Literature.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Lajosy Silva é formado em Letras pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia), Mestre em Estudos Literários pela UNESP (Universidade Estadual Paulista) e Doutor em Estudos Lingüísticos e Literários pela USP (Universidade de São Paulo), professor de português, inglês e literatura, autor de romances como *O Sexo do Pêssego* e *Lêda e o Cisne*, além de dramaturgo (*Meninos em Marcha*, 1998 e *Olhares Distantes* 2001,)
- <sup>2</sup> Para o artigo, a leitura foi feita a partir do original, com notas e traduções minhas.
- <sup>3</sup> WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- <sup>4</sup> Essa análise de *Maurice* rendeu um artigo publicado pela Revista Fragmentos: SILVA, Lajosy. Educação e Patriarcado Protestante em Maurice, de E. M. Forster. IN: **Revista Fragmentos**. Florianópolis: n. 33, 2008.
- <sup>5</sup> No original, o termo “*master*” prevalece como definição para o que chamamos atualmente de professores.
- <sup>6</sup> *Notas Sobre um Escândalo* (2006), dirigido por Richard Eyre, roteiro de Patrick Marber, com as atrizes Judi Dench (Bárbara Covett) e Cate Blanchett (Sheba Hart).
- <sup>7</sup> Gabriel Chalita foi Secretário da Educação durante o Governo Geraldo Alckmin em São Paulo. Ele é autor de inúmeros livros que variam de infantis, reflexões sobre ensino e auto-ajuda.
- <sup>8</sup> EAD é uma instituição que vem se especializando com cursos de graduação e pós-graduação a distância, quando os alunos não freqüentam as aulas e são acompanhados por professores monitores. É uma instituição que existe em vários estados do país.

## REFERÊNCIAS

- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin, 2000.
- CEVASCO Maria Elisa e SIQUEIRA Valter Lellis. *Rumo da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1993.
- CORACINI, Maria José. *Identidade e Discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HELLER, ZÖE. *Notes On a Scandal*. London: Penguin, 2004.
- MORAIS, Flávia Costa. *Literatura Vitoriana e Educação Moralizante*. Campinas-SP: Editora Alínea, 2004.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 2000.
- SENA, Jorge de. *A Literatura Inglesa: Ensaio de Interpretação e de História*. Lisboa: Cotovia, 1989.